



OTHERO, G. de Á. B. **Mitos de linguagem**. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.

UM OLHAR PARA A OBRA “MITOS DE LINGUAGEM”*

Aline Idilvane Silva¹
Universidade Federal de Ouro Preto
alineidilvanesilva04@gmail.com

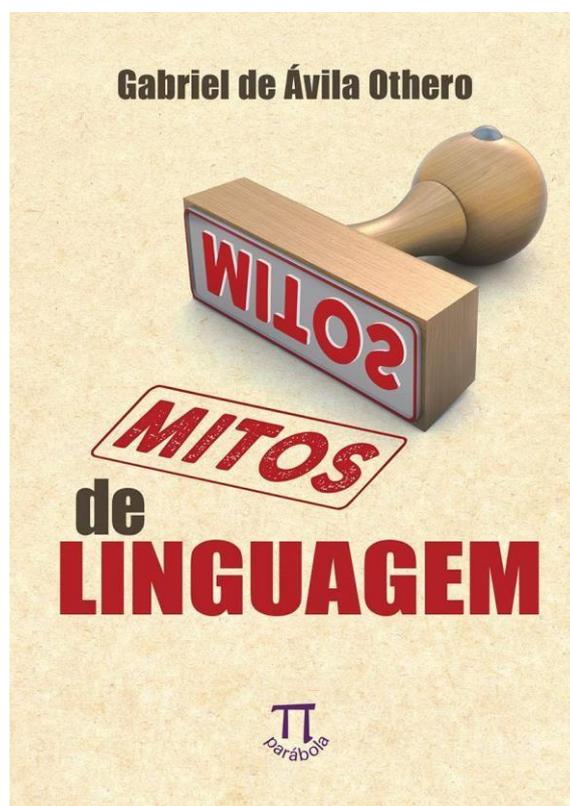


Figura 1: Capa do Livro *Mitos de Linguagem*

*Esta resenha foi realizada como atividade final da disciplina *Leitura e Produção de Textos (LET397)*, da Universidade Federal de Ouro Preto.

¹Graduanda em Pedagogia pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Em 2018, participou como bolsista CAPES no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência, no subprojeto Educação de Jovens e Adultos (EJA) – Alfabetização.



O livro *Mitos de linguagem*, de autoria de Gabriel de Ávila Othero, mestre e doutor em linguística, e professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – (UFRGS) desconstrói algumas concepções equivocadas que cercam a linguagem. A obra, organizada em dez capítulos, inicia-se com a discussão sobre o mito de que *As mulheres falam demais* (p.13). Nesse capítulo o autor polemiza, do ponto de vista biológico e cultural, a hipótese de que “as mulheres falam quantitativamente mais do que os homens”(OTHERO, 2017,p.14). Sob o viés o biológico conclui-se que não há indicativos que comprovem que as mulheres falam mais que os homens; e, sobre o viés cultural, alguns estudos mostraram que homens tendem a falar mais quando estão em situações que representam *status* e as mulheres usam mais a fala que os homens em situações particular e familiar. A partir das colocações culturais de que as mulheres falam mais que os homens, é entendido que há, por trás dessa concepção cultural, um preconceito fundado. É preferido pelos homens que as mulheres não assumam um posto de fala que represente algum *status*, e, caso se apropriem desses espaços de reprodução e manutenção de *status*, é preferível que o uso das falas feitas por elas seja quantitativamente menor do que a dos homens, pois, caso contrário, a narrativa será de que elas falam muito.

O mito 2, *A gramática do português não tem lógica* (p.27), aborda a concepção de complexidade que se tem em torno da língua portuguesa por ela ter regras gramaticais que são de difícil compreensão e, portanto, os conjuntos normativos da gramática são usados com pouca frequência no cotidiano dos brasileiros. A gramática normativa carrega um conjunto de regras do uso “correto” da língua escrita (e, em alguns casos, até da língua falada) e de alguns termos oficiais para o ensino gramatical. Há questionamentos acerca da construção da regra gramatical do português, feita tanto pelos linguistas quanto pelos não linguistas, mas de forma diferente. Os linguistas questionam alguns “pressupostos básicos da gramática” (OTHERO, 2017, p.31), enquanto, para os não linguistas, a objeção vem pela falta de lógica nas regras. Sob essas colocações dos mecanismos de normatização da gramática, pode ser entendido que é verdadeira a narrativa de que a normatização da gramática do português não tem lógica. Porém, quando o autor traz outra concepção de gramática, sendo agora como “um conjunto de conhecimentos implícitos que todos os falantes temos a respeito das regras de funcionamento e estruturação da nossa língua” (OTHERO, 2017, p. 38), apresenta um novo entendimento que contesta o mito 2, pois mostra que há racionalidade gramatical, mesmo que de forma não proposital, nas falas de quem se comunica pela língua portuguesa.

Na ordenação seguinte, o autor discute sobre a narrativa de que *Ninguém fala o português correto, certo?*(p.47). Nesse capítulo, Othero afirma que esse mito não se trata da expressividade natural da língua, mas sim do emprego da “norma culta”. Essa concepção de “norma culta” é indicada pelo uso do “português correto”, que é determinado pelas regras da gramática e pelo *status* social do falante. A



construção do mito do “português correto” refere-se então à gramática (aquela tradicional que aprendemos na escola), que possui uma convenção de regras normativas, diferente da língua em uso (na boca do falante sem policiamentos), que pode assumir diversas formas devido às variações socioculturais de cada região e de cada indivíduo, dificultando, assim, a imposição de regras nessa modalidade. Desse modo, é apontado pelo autor que a gramática normativa tradicional não foi empregada com efeito sequer pelos escritores clássicos brasileiros. O que ocorreu foi uma construção normativa gramatical idealizada, que se distancia da norma culta por essa não ser fiel às normas gramaticais. Sendo assim, o mito de que *Ninguém fala o português correto, certo?* (p.47) pode ter fundamento se analisado sob a perspectiva de que somente as práticas orientadas pela gramática normativa tradicional são as que devem ser consideradas corretas. Contudo, ao legitimar apenas a norma idealizada, desconsidera-se a diversidade linguística e, portanto, desprezam-se as riquezas existentes, o que é característico do preconceito linguístico. Essa ação discriminatória sobre as variações linguísticas é uma percepção reducionista da língua, na qual se exalta uma variação em detrimento da outra. Dessa forma, perpetuam-se e reforçam-se os preconceitos presentes na sociedade, visto que a visão negativa das variações linguísticas de menor prestígio deriva da composição étnico-sociocultural do sujeito de menor notoriedade.

A língua portuguesa é uma das mais difíceis do mundo (p.63) é o título do quarto capítulo. Esse, bastante atrelado ao capítulo anterior, esclarece que a ideia de complexidade em torno da língua portuguesa pode ser resultado do distanciamento das práticas gramaticais aprendidas no espaço escolar e as vivências dos falantes, com a norma gramatical tradicional que é cultuada, mas não efetivada. Além disso, é colocado que “todas as línguas são igualmente complexas em sua natureza” (OTHERO, 2017, p.64). Sendo assim, a língua portuguesa é apenas diferente e, como qualquer outra língua, possui particularidades que podem ser de difícil compreensão.

O quinto mito, *A ortografia do português é cheia de exceções* (p.79), começa contextualizando o início da escrita narrando que ela não é inata da espécie humana, mas sim uma evolução tecnológica que tem como função, em alguns casos, representar graficamente os sons que o ser humano produz. De modo contrário, a fala é algo natural na vivência humana e sofre variações de acordo com o espaço regional em que o sujeito se encontra e, também, nas especificidades da pronúncia de algumas palavras por cada sujeito. Haja vista as variações, a escrita precisou ser padronizada em nossa língua portuguesa assim como também em outras línguas. Nesse capítulo, o autor traz vários exemplos ortográficos que mostram que a língua portuguesa apresenta várias “irregularidades”. Isso porque a escrita não consegue representar a língua como um todo seguindo, muitas vezes, dois critérios: etimológico e fonético – que complicam o entendimento da construção ortográfica da língua portuguesa. Contudo, também é exposto que as exceções da língua portuguesa não são algo exclusivo, pois, em outras línguas, a ortografia também não segue um único critério fundador.



O sexto capítulo trata do mito *Todo mundo tem sotaque, menos eu* (p.97), no qual o autor rompe com essa ideia ao declarar que “todos têm sotaque, sem exceção” (OTHERO, 2017, p.101). O que ocorre é a falta de percepção de sotaque quando as relações são entre pares. Isso acontece porque “não percebemos os traços fonológicos, ou seja, as características dos sons que são produzidos por aqueles que nos cercam por serem naturais pra nós, pois são os mesmos que nós produzimos” (BARRETO, 2020, s/p). No final desse capítulo, o autor faz uma consideração acerca do prestígio que certos dialetos têm em detrimento de outros, o que configura não só superioridade do falante do dialeto de prestígio e preconceito linguístico, como também uma concepção de linguagem “certa” ou “errada” em um meio que apresenta variação linguística. É um tema que se relaciona bastante com capítulos anteriores.

A língua dos índios é muito rudimentar (p.109) é o sétimo capítulo do livro. Nesse trecho, o autor faz uma ressalva sobre as línguas indígenas, manifestando que não há só uma, mas várias línguas indígenas. Esse fato é, inclusive, quantificado pelo autor, que afirma que, até o momento da escrita do livro, havia cerca de 180 línguas indígenas no Brasil e que esse número supostamente era sete vezes maior no ano de 1500. Assim, observa-se que, a cada língua que deixa de existir, perde-se “uma maneira de ver e compreender o mundo” (OTHERO, 2017, p.112). Por isso, trata-se também de sinal de extinção dos povos falantes dessas línguas. Da mesma forma, é exposto no texto que as línguas indígenas possuem complexidade e riquezas assim como qualquer outra língua natural, sendo, então, uma perspectiva diferente da concepção de uma língua rudimentar, e que o mito construído acerca dessa temática tem como intenção diminuir as vivências indígenas. Em se tratando das línguas indígenas, há que se considerar que o fato de essas línguas não possuírem registros escritos é uma questão que contribui para sua desvalorização social. Um aspecto que colabora para isso, segundo aponta Dores (2018, p. 126), é que “[v]ivemos em uma cultura altamente grafocêntrica; dominar a técnica da escrita gera um prestígio e licencia algumas pessoas a participarem de certas atividades”.

Gabriel de Ávila Othero, autor do livro, explica no capítulo 8, *Depois de adulto, é praticamente impossível aprender uma nova língua* (p.129), que, dentro das suas concepções, “há de fato uma correlação entre idade e aprendizagem de língua materna” (OTHERO, 2017, p.137), para uma formação mais incorporada que permita a fluência da língua pelo sujeito. Aprender segunda língua em idade mais avançada, contudo, não é impossível. Entretanto, implica novos estímulos e o desenvolvimento de novas capacidades para a aquisição desses conhecimentos, pois as dificuldades se apresentam de formas diferentes em cada período da vida dos estudantes.

Com o penúltimo mito, *Os animais têm uma forma de comunicação tão complexa quanto a nossa* (p.145), é exposto que não se sabe ao certo a origem da linguagem, mas há uma concordância de que a linguagem humana se difere das demais formas de comunicação e, assim, o autor destaca três características próprias da linguagem humana: “a atemporalidade, a criatividade linguística e a recursividade”(OTHERO, 2017, p.147). Apresenta também, alguns exemplos de



outras espécies que possuem algumas particularidades, que tornam complexas a comunicação. Como exemplo, o texto traz os primatas superiores, que poderiam desenvolver uma linguagem complexa tal como a espécie humana, mas não é manifestada uma complexidade com tamanha intensidade, como na linguagem humana. A narrativa do mito, então, é equivocada ao nivelar a complexidade da linguagem humana com de outra espécie.

O último capítulo, *No futuro contaremos com um tradutor automático universal que traduzirá automaticamente qualquer frase de qualquer língua* (p.161), trata da evolução da linguagem computacional (e o processamento de linguagem), a qual possibilitou uma interação entre pessoa e computador de forma mais refinada. Surge, assim, uma expectativa de que, com a progressão dessa linguagem tecnológica, haja também avanços na área de tradução de línguas. Sobre esse mito, por ser uma previsão futura, o autor ressalta que, “não é propriamente um mito, que pode ser confirmado ou desconstruído” (OTHERO, 2017, p.161), mesmo que, no momento, se tenha conhecimento de ferramentas online que possibilitam traduzir determinada língua de forma mais ou menos precisa. A consideração em torno desse mito é de que há uma grande variedade de línguas no mundo, e uma ferramenta tecnológica, capaz de traduzir todo esse universo de línguas, é pouco provável.

As questões propostas no livro *Mitos de Linguagem* trazem reflexões que possibilitam romper com as narrativas estigmatizadas e naturalizadas que cercam o meio social sobre linguagem. A obra de Othero é singular, pois coloca em foco saberes importantes que, muitas vezes, não são abordados de forma significativa nos cursos da área de educação. Cabe destacar que “em tempos de desmanche das Universidades Públicas, [...] reforçar o papel das ciências humanas (tão exatas quanto qualquer outra ciência, pois se valem de métodos claros e possíveis de serem replicados) torna-se um desafio, cada vez mais, necessário”. (Cf. DORES, 2020, p. 220-221). A obra aqui resenhada contribui diretamente para a elaboração de reflexões que produzem conhecimentos marcados pela singularidade inerente ao outro (um dos objetivos da Universidade).

Othero, por meio de uma linguagem clara e acessível, possibilita uma leitura prazerosa e motivadora tanto pelas exemplificações postas quanto pelas sugestões que são apresentadas na seção *Para saber mais sobre os assuntos abordados* (ao final de cada capítulo).



Referências

BARRETO, B. 'Eu não tenho sotaque!' –Será?. Roseta, v. 3, n. 2, s/p, 2020. Disponível em: <http://www.roseta.org.br/pt/2020/08/12/eu-nao-tenho-sotaque-sera/>.

DORES, M. V. P. das. Rachi, S. Por mãos alheias: usos da escrita na sociedade colonial. Belo Horizonte: Editora PUC MINAS, 2016. **LaborHistórico**, v. 4, n. 1, p. 126-127, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.24206/lh.v4i1.15598>.

DORES, M. V. P. das. Os nomes de lugar presentes no relato de viagem dos irmãos Nunes: marcas toponímicas do sertão. In: ALMEIDA, M. A. R. de; SILVA, M. de O.; PIRES, M. G. G. (Orgs.). **Ciências do léxico e Filologia em foco**: contributos para a história da Língua portuguesa. Rio de Janeiro: Mares Editores, 2020. p. 198-223. Disponível em: http://doi.org/10.35417/978-65-87712-04-8_198.

OTHERO, G. de Á. B. **Mitos de linguagem**. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.

Recebido em: 19/09/2020

Aprovado em: 19/11/2020